O tempo e o espaço midiatizados por circuitos afro-referenciados

O caso Gustavo Amaral

Tiempo y espacio mediatizados por circuitos afro referenciados

El caso Gustavo Amaral

Time and Space Mediatized by Afro-referenced Circuits

The Gustavo Amaral Case

DOI: https://doi.org/10.18861/ic.2026.21.1.4308

▶ **ÂNGELO NECKEL**

angelo.neckel@uniasselvi.com.br - Indaial - Centro Universitário Leonardo da Vinci, Brasil.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2911-8606

COMO CITAR: Neckel, Â. (2026). O tempo e o espaço midiatizados por circuitos afro-referenciados. O caso Gustavo Amaral. *InMediaciones de la Comunicación, 21*(1). https://doi.org/10.18861/ic.2026.21.1.4308

Data de recebimento: 26 de outubro de 2025
Data de aceitação: 23 de março de 2026

RESUMO

O artigo analisa as articulações entre tempo e espaço nas narrativas e práticas comunicacionais de circuitos afro-referenciados diante do racismo no contexto da midiatização. O objetivo é compreender como essas articulações ampliam a visibilidade e permanência de casos de violência racial no espaço público, especialmente no caso Gustavo Amaral, morto por um policial militar no interior do Rio Grande do Sul (Brasil) em 2020. Metodologicamente, a pesquisa adota estudo de caso e análise de cronotopos midiatizados, em diálogo com as teorias da midiatização e da diáspora negra. Os resultados indicam que os circuitos afro-referenciados reconfiguram escalas temporais e espaciais ao presentificarem referências culturais diaspóricas no espaço público ampliado pelas mídias, promovendo contra-narrativas que desafiam silenciamentos institucionais.

PALAVRAS-CHAVE: *circuitos afro-referenciados, caso Gustavo Amaral, cronotopos midiatizados, midiatização, racismo.*

RESUMEN

El artículo analiza las articulaciones entre tiempo y espacio en las narrativas y prácticas comunicacionales de los circuitos afro-referenciados frente al racismo en el contexto de la mediatización. El objetivo es comprender cómo esas articulaciones amplían la visibilidad y permanencia de los casos de violencia racial en el espacio público, especialmente en el caso de Gustavo Amaral, asesinado por un policía militar en el interior de Rio Grande do Sul (Brasil) en 2020. En cuanto a lo metodológico, la investigación adopta el estudio de caso y el análisis de cronotopos mediatizados, en diálogo con las teorías de la mediatización y de la diáspora negra. Los resultados indican que los circuitos afro-referenciados reconfiguran escalas temporales y espaciales al presentificar referencias culturales diaspóricas en el espacio público ampliado por los medios, promoviendo contranarrativas que desafían los silenciamientos institucionales.

PALABRAS CLAVE: *circuitos afro-referenciados, caso Gustavo Amaral, cronotopos mediatizados, mediatización, racismo.*

ABSTRACT

The article analyzes the articulations between time and space in the narratives and communicational practices of afro-referenced circuits in the face of racism within the context of mediatization. The objective is to understand how these articulations expand the visibility and persistence of racial violence cases in the public sphere, especially the case of Gustavo Amaral, killed by a military police officer in Rio Grande do Sul, Brazil, in 2020. Methodologically, the research adopts a case study and the analysis of mediatized chronotopes, in dialogue with mediatization theories and black diaspora studies. The results indicate that afro-referenced circuits reconfigure temporal and spatial scales by presentifying diasporic cultural references in the public space expanded by the media, promoting counter-narratives that challenge institutional silences.

KEYWORDS: *afro-referenced circuits, Gustavo Amaral case, mediatized chronotopes, mediatization, racism.*

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem como tema as articulações entre referências de temporalidades (passado, presente e expectativas de futuro) e espaços (simbólicos, territoriais e midiáticos) engendradas por atores individuais e coletivos dos circuitos afro-referenciados em acionamentos e narrativas em torno de casos de racismo no contexto da midiatização da sociedade. Nesse sentido, são observadas tais articulações para ampliação da visibilidade e permanência das denúncias contra o racismo no espaço público referentes ao caso Gustavo Amaral, engenheiro eletricista morto por tiro de policial militar no município brasileiro de Marau, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, em 19 de abril de 2020.

A midiatização pode ser compreendida como processo, fenômeno e conceito centrais para entender as dinâmicas das culturas e da sociedade, afetadas pelos meios de comunicação e dispositivos técnicos conectados em múltiplas redes. A interconexão dos atores sociais, suas práticas e interações se efetivam em escala planetária em um contexto de imbricação entre uma ambiência que abrange diferentes ambientes ou espaços configurados nos meios de comunicação analógicas e eletrônicos, e das novas tecnologias transformadas em meios.

A emergência de uma sociedade em midiatização aponta uma nova inteligibilidade para entendimento e intervenção no mundo. Essa problemática se relaciona com o espaço-tempo, seja pela ampliação das escalas de espaço, através de redes que conectam os atores sociais, seja pela ampliação das escalas de tempo, pela celeridade dos fluxos de sentidos levados adiante. À questão da intensidade e do alcance das interações em rede, soma-se a necessidade de uma dimensão qualitativa da comunicação humana ante conflitos sociais que a atravessam, incluindo o racismo como dimensão estrutural e estruturante da sociedade.

Acontecimentos permeados pelo racismo e sem o registro de imagens tendem a ser reconstituídos nos meios do jornalismo a partir do relato descredibilizado de testemunhas e versões de atores de instituições sociais e midiáticas em negação ao racismo caso a caso. Quando não midiatizado, quaisquer acontecimentos, incluindo os racializados, parecem não existir. Ao contrário dos casos George Floyd, nos Estados Unidos, e do caso João Alberto Freitas, no Brasil, vazados no espaço público de modo imediato por circuitos afro-referenciados em múltiplas redes, o caso Amaral não filmado e ocorrido em uma cidade interiorana, dependeu em certa medida de temporalidades e práticas da mediação jornalística nos processos de circulação midiática, enquanto disputa de sentidos entre atores e instituições no espaço público ampliado pelos meios.

Como hipótese proposta, quanto mais dependente das mediações dos meios do jornalismo para visibilidade e classificação dos casos enquanto racismo, mais coletivos e circuitos afro-referenciados mobilizam gradativamente acionamentos e narrativas em evocação de referências que dão conta

das continuidades do racismo e da luta antirracista para a ascensão dos casos sociais ao midiático, dos meios massivos e das redes sociodigitais. Com isso, investigam-se as temporalidades e os espaços articulados por circuitos afro-referenciados para a ascensão do caso ao midiático, identificando como se dão essas articulações no espaço público em acionamentos e narrativas perante as etapas do caso social, midiático e midiatizado.

Este artigo é estruturado da seguinte maneira: introdução; seção teórico-metodológica; análise do caso Gustavo Amaral em duas etapas; síntese das articulações entre tempo e espaço na análise; e conclusões. A segunda seção abrange discussões teóricas e aportes metodológicos construídos para a investigação das relações entre tempo e espaço mobilizadas no caso; a terceira seção se destina à análise do caso nas etapas de ascendência à mediação jornalística e de disputas narrativas nas redes sociais digitais; a quarta seção apresenta uma síntese de como são mobilizadas diferentes temporalidades no espaço público por atores sociais e instituições; por fim, são apresentadas as conclusões do estudo, com especial destaque para as descobertas em torno das temporalidades de midiatização resultantes das culturas negras diaspóricas.

2. PASSADO, PRESENTE E FUTURO NAS NARRATIVAS MIDIÁTICAS

O tempo e o espaço são duas dimensões não-lineares nas culturas afro-diaspóricas (Gilroy, 2012), no âmbito dos registros das expressões humanas nas mídias. Com isso, tempo e espaço se articulam em acionamentos de tecnologias e meios e em narrativas de atores sociais nas ruas e nas arenas midiáticas (Neckel, 2024), inscritas nos meios de comunicação massivos e nas novas tecnologias de mídia transformadas em meios-dispositivos (Ferreira, 2006). Para as inferências acerca das articulações entre os diversos desdobramentos das categorias de tempo e espaço percebidas nos engendramentos de atores individuais e coletivos vinculados às culturas negras no midiático, são construídas interfaces teóricas (Braga, 2004) entre estudos da linguística, da cultura e da midiatização, na proposta do conceito autoral *cronotopo midiatizado*[1].

Conceito e ferramenta metodológica, o cronotopo, um dos fragmentos da extensa obra de Bakhtin, é uma categoria de forma e conteúdo literário, que determina o gênero, as modalidades e a unidade artística de uma obra justamente pela inseparabilidade do tempo e do espaço. Como materialização do tempo em um dado espaço, por si só ou articulado a outros, é o responsável pela ligação entre narrativas. É nos espaços e na relação com elementos que o compõem e são dotados de memória, que as diferentes personagens das narrativas se encontram, interagem e protagonizam os acontecimentos.

1 Este artigo incorpora resultados preliminares de tese de doutorado do autor, intitulada "Cronotopos midiatizados nas lutas antirracistas: o espaço-tempo complexo nos acionamentos e disputas narrativas em torno do 'ser negro'", apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brasil.

São perceptíveis as diversas operações do cronotopo como ponto de intersecção que condensa os indícios das marcas do tempo e do espaço nas narrativas. Estradas, cidades, castelos, cômodos de residências e os encontros que neles ocorrem correspondem a lugares de localização fixa transformados em espaços pela criação humana. Nesse ponto, Bakhtin (2010; 2018) percebe cronotopos também em objetos e em meios de transportes, para além dos caminhos que estes percorrem. Além dos diversos cronotopos bakhtinianos nas narrativas ficcionais dos escritores, inspiram a compreensão das narrativas de quaisquer pessoas a respeito de um real concreto, não-ficcional, portanto, na relação entre as narrativas inscritas nos meios de comunicação e o espaço-tempo acionado por elas.

O salto de pensar os espaços e as temporalidades acionados na relação entre cronotopos dos relatos e dos dispositivos é dado por Paul Gilroy (2012), em *O Atlântico Negro*, ao analisar as narrativas de perda, exílio e viagens de ativistas e intelectuais negros em diáspora. São cronotopos o navio, o disco como expressão midiática das referências culturais partilhadas na música e a encruzilhada, enquanto hibridização e interculturalidade experimentada pelos descendentes de africanos na Diáspora negra. Em suas expressividades nas ideias, nas palavras, nas músicas e nos projetos políticos, intelectuais, ativistas e coletivos negros evocam uma tradição 'não tradicional' das culturas negras. Isso porque evocam o passado, mas estão em constante transformação no contato umas com as outras e com outras referencialidades étnicas na Modernidade.

A orientação metodológica da tese de Gilroy (que propõe a diáspora negra como outro registro possível da Modernidade) apoia-se, em parte, na noção de cronotopo elaborada por Bakhtin em *A Imaginação Dialógica*. Entendido como unidade de análise textual, o cronotopo permite examinar a frequência e os tipos de categorias espaço-temporais representadas nos textos. Inspirado por essa abordagem, Gilroy desenvolve dois movimentos metodológicos complementares: a análise dos meios de transporte e dos dispositivos midiáticos, e das narrativas neles inscritas.

No primeiro movimento metodológico, o navio figura como o principal cronotopo, simbolizando tanto o elo entre as tradições africanas pré-escravização e a fragmentação cultural imposta pelo tráfico transatlântico, quanto o espaço de trânsito e recriação identitária entre Europa, África, Américas e Caribe. No segundo movimento, o cronotopo do navio associa-se aos intelectuais negros viajantes cuja mobilidade possibilitou a circulação de ideias e ativismos em "panfletos, livros, registros fonográficos e coros" (Gilroy, 2012, p. 38). A terminologia culturalista de Gilroy, que classifica panfletos, livros, etc. como artefatos, pode ser entendida como meios e dispositivos midiáticos que também se configuram como cronotopos, justamente por abarcarem narrativas, estabilizarem signos de resistência em acervos e por articularem espaços de ordem territorial e simbólica na diáspora negra.

A concepção de narrativa em Gilroy amplia-se para abarcar uma complexa dimensão temporal, articulando tanto as histórias de opressão das populações negras quanto as narrativas políticas de resistência. Para o autor, as narrativas de conquista do colonialismo europeu e as de insurgência no Atlântico Negro desestabilizam as periodizações históricas convencionais. Nesse sentido, o suposto caráter inovador da chamada "pós-modernidade" é questionado diante da violência do escravismo racial, que produziu um profundo desencaixe entre espaço, tempo e identidade, comprometendo a segurança ontológica dos sujeitos subalternizados. As narrativas coloniais de triunfo e, sobretudo, as narrativas das culturas negras rompem o dualismo entre uma pré-modernidade idealizada e a rejeição da modernidade. A afro-referencialidade, portanto, revela outra forma de modernidade pautada na construção do *Atlântico Negro,* entendido como tradição não tradicional, constantemente renovada pelas comutações culturais. Trata-se, assim, de relações cronotópicas que se manifestam nas próprias narrativas e nos meios que as veiculam.

Um dos aspectos que Gilroy observa nas culturas expressivas do Atlântico Negro é o contato com a morte derivado da violência da colonização e do escravismo racial. Percebo os seguintes processos cronotópicos nas narrativas sobre a morte, situação-limite do racismo: o contar e recontar a violência - não apenas dela, mas esse é o enfoque aqui - que conduz a memória coletiva a "pontos nodais", fazendo com que as narrativas individuais comuns à coletividade se comutem em uma narrativa histórica e cultural mais ampla. Nisso, uma narrativa do tempo presente reconta e mantém viva uma narrativa de longo período ante o esquecimento imposto pelo colonialismo. Contar e recontar a história e cultura negra faz com que temporalidades relacionadas ao passado, ao presente e ao futuro se entrecruzem e se materializem nos dispositivos midiáticos. Em aproximação ao conceito proposto por Ferreira (2006), a diferença no uso da expressão dispositivo situa-o nos usos sociais disseminados e nas recomendações compartilhadas, que possibilitam alterações nas escalas de tempo e espaço nas interações inclusive em narrativas, por eles mediadas, e nas apropriações das tecnologias para fins inicialmente não previstos, a exemplo dos sentidos expressos nos meios com finalidade de resistência a opressões.

A partir do exposto, propõem-se quatro temporalidades cronotópicas para compreender o campo midiático: presentificação da tradição, presenticismo, presentismo e tempo midiatizado. Cada uma expressa modos distintos de relação entre tempo, espaço e memória nas experiências negras diaspóricas e nas práticas comunicacionais contemporâneas.

a) *Tradição presentificada*: a presentificação refere-se à recordação coletiva de acontecimentos-chave —longínquos ou recentes— que constituem memórias compartilhadas e disputadas. A lembrança dos horrores da escravização, ao mesmo tempo, funda uma comunidade de sentimentos (Gilroy,

2012) que orienta leituras compartilhadas do passado e do presente. Essa temporalidade, derivada de uma espacialidade dispersa, produz uma espacialidade simbólica diaspórica, materializada tanto em narrativas orais privadas quanto nos meios.

b) *Presenticismo*: o termo designa as presentificações fundadas na opressão e na negação das memórias negras. Expressa-se em três dimensões: a fragmentação das memórias africanas causada pela colonização e pelo escravismo; a imposição de mitos e racionalidades eurocêntricas como verdades universais; e a fixação de imagens estereotipadas e subalternizantes sobre a população negra, que regulam corpos e comportamentos, produzindo uma racionalidade epistemicida que naturaliza a violência e exclui saberes afro-referenciados. O presenticismo, ao negar o passado e reiterar as violências coloniais, interdita a construção de futuros emancipatórios.

c) *Presentismo*: o presentismo define a onipresença do presente articulada às dimensões do passado e do futuro. De um lado, manifesta-se na aceleração dos fluxos midiáticos, econômicos e migratórios; de outro, a desaceleração imposta a sujeitos privados de projetar emancipações. Como propõe Hartog (2013), essa valorização do efêmero, típica dos meios de comunicação, transforma a história em sucessão de instantes, reproduzindo a obsolescência de pessoas e fatos. Em diálogo com o pensamento negro, o presentismo evidencia a compressão do tempo histórico e a predominância da cultura eurocêntrica nas narrativas jornalísticas, em que o cotidiano negro é frequentemente invisibilizado.

d) Tempo midiatizado: os dispositivos técnico-midiáticos produzem rupturas e recomposições nas relações entre tempo e espaço (Verón, 2014). A midiatização, condição semioantropológica da espécie, materializa experiências mentais em suportes técnicos, da imprensa às mídias digitais, e altera as escalas de comunicação, promovendo autonomia e persistência de sentidos. Essa autonomia, contudo, implica descontextualizações e reapropriações dos signos.

As interações mediadas aceleram o tempo histórico, ampliam o espaço comunicacional e instauram disputas simbólicas em torno de imaginários, visibilidades e narrativas. Assim, a midiatização, entendida como cronotopo, constitui-se em espaço estratégico de poder, onde se negociam memórias, esquecimentos e (in)visibilidades —especialmente no que tange às persistências e reconfigurações do racismo na contemporaneidade.

A proposição de cronotopo midiatizado exige escolhas teóricas e empíricas específicas. Os cronotopos tornam-se midiatizados quando ganham visibilidade por meio de dispositivos midiáticos e das narrativas e interações que emergem no espaço público. A persistência dos signos no campo midiático amplia os acervos de memória e conhecimento, deslocando o espaço-tempo

e permitindo que cronotopos clássicos (como o da estrada, do encontro e do limiar) assumam novos sentidos: a estrada como lugar dos circuitos e travessias, o encontro como nó das redes interacionais e o limiar como acontecimento midiatizado que pode catalisar mudanças sociais.

Nesses contextos, dispositivos e narrativas articulam temporalidades distintas —passado, presente e futuro— em regimes de aceleração e desaceleração de sentidos. Nas redes e nos meios do jornalismo, os fluxos de sentidos tendem a se acelerar. Diante da indiferença institucional perante o racismo, há silenciamentos e interrupções dos sentidos de resistência; de outro, a lentidão institucional e a indiferença diante do racismo impõem interrupções e silêncios. Além das mídias, outros espaços cronotópicos se configuram na cidade, onde as coletividades se reúnem fisicamente para disputar significados e visibilidades.

As práticas comunicacionais que administram o tempo e a visibilidade em diferentes espaços tornam-se processos de midiatização dos cronotopos quando ascendem aos meios de comunicação, conduzindo *a jusante* os sentidos das lutas antirracistas por meio dos acontecimentos midiatizados. As narrativas nos circuitos interacionais ocorrem em recepção-produtiva dos acontecimentos, ao interpretá-los, identificar personagens, atribuir relações de causas e efeitos, continuidades e modificações, e recordam e constroem outros acontecimentos e narrativas. Na midiatização dos casos de racismo, essas narrativas e acionamentos ocorrem principalmente em circuitos afro-referenciados.

A noção de circuitos afro-referenciados constitui uma ferramenta de inteligibilidade metodológica para compreender dinâmicas comunicacionais e culturais contemporâneas. Inspirada no conceito de circuito interacional de Braga (2006; 2012; 2017), essa formulação introduz a dimensão afro-referenciada como espaço de circulação simbólica em que a crítica ao racismo —herança histórica e permanente— se atualiza e se amplia. O termo nasce de uma dupla intenção: romper com visões essencialistas sobre quem pode vivenciar e discutir culturas de matriz africana e reconhecer que as culturas diaspóricas são processuais e permeáveis, marcadas por trocas e contaminações que as mantêm em constante transformação. A inspiração semântica aproxima-se das expressões afro-americano, afro-brasileiro, afro-caribenho e, nas intersecções destes, o afro-diaspórico.

Nos espaços públicos ampliados pelas redes sociais digitais, os atores sociais desses circuitos se inserem em circuitos afro-referenciados em duas situações principais: ao expressarem referências dos circuitos de sociabilidade pregressa e quando interpretam temas agendados por acontecimentos racializados, em casos de racismo que emergem ou ingressam nas redes e/ou nos meios do jornalismo.

A identificação de articulações entre passado, presente e futuro no midiático tem como locus privilegiado o estudo de casos, que possibilita percepções de

como os processos sociais e midiáticos se configuram em situações concretas e contemporâneas, respondendo a questões do tipo 'como' —como se estruturam, se relacionam e são acionados pelos atores sociais.

Na análise do caso Amaral, inicialmente, o caso social ascende ao midiático nas coberturas da imprensa do estado brasileiro do Rio Grande do Sul sem a tematização do racismo, mesmo quando o Ministério Público decide pelo encerramento do inquérito. Em seguida, circuitos afro-referenciados locais mobilizam-se em espaços de interação —como o Facebook e grupos de WhatsApp— para organizar protestos presenciais, culminando, cerca de cinco meses após a morte de Amaral, na realização de uma carreata em Porto Alegre. O evento é noticiado pelos meios do jornalismo, que passam a reconhecer o debate racial, enquanto, paralelamente, os circuitos afro-referenciados produzem suas próprias interpretações e narrativas sobre o sentido das mobilizações. Por fim, a publicação de uma reportagem da BBC Brasil, em junho, identifica Amaral como homem negro e menciona o movimento negro local, o que engendra circuitos em recepção-produtiva à reportagem que evidenciam a escassez dos processos midiatizados do caso social.

As temporalidades de presentificação, presenticismo, presentismo e da midiatização possuem potencial heurístico para análise do caso Gustavo Amaral, pois remetem e cronotopos passíveis de serem identificadas nas seguintes manifestações acerca do (antir)racismo: a tradição presentificada é expressa em narrativas coletivas de recordação e denúncia do racismo nas mídias e em territórios da cultura negra nos protestos nas cidades; o presenticismo se localiza nas narrativas de denegação do campo jurídico-policial e de atores sociais nos espaços midiáticos, que abreviam e interrompem a circulação das denúncias; temporalidade predominante na mediação jornalística, o presentismo se situa nos silenciamentos sobre o racismo nas enunciações e nos intervalos das coberturas que o consideram como sendo episódico; a serem retomadas nas conclusões do artigo, as temporalidades da midiatização abarcam reflexões sobre o tempo-espaço complexificado nos tensionamentos entre as categorias referidas. A análise dos cronotopos midiatizados fundamenta-se na observação de indícios empíricos que evidenciam como tempo e espaço se articulam nas práticas comunicacionais contemporâneas no espaço público. No estudo de caso, os indícios estão nos usos e apropriações dos dispositivos midiáticos pelos circuitos afro-referenciados, cujas estratégias de visibilidade reconfiguram escalas temporais e espaciais no espaço público. Também se revelam nos fragmentos textuais e imagéticos que compõem narrativas sobre o racismo. Tais manifestações são observadas em variados contextos espaciais atravessados por múltiplas temporalidades que se sobrepõem.

O corpus de pesquisa abrange textos de notícias em sites jornalísticos de abrangência regional e nacional, principalmente os veículos jornalísticos Gauchazh e BBC Brasil (Quadros 1, 4, 5 e 6), postagens de familiares da vítima e

ativistas, imagem de itinerário e cartazes da carreata (Quadros 2 e 3), além de postagens de instituições jornalísticas no *Facebook* e comentários em recepção-produtiva (Quadros 5 e 6). Desse conjunto de publicações, são extraídos imagens, contextos e excertos de comentários que contenham indícios de articulações entre tempo e espaço, a partir da escolha de locais, trajetos percorridos, contatos, palavras e frases que remetam a articulações de cronotopos nas disputas narrativas protagonizadas por instituições e atores sociais. Foram selecionados conteúdos publicados nos meses de junho, julho, setembro e outubro de 2020, em resposta às decisões de instituições do campo jurídico em investigações e inquéritos sobre a morte de Gustavo Amaral.

Em ordem cronológica, os nomes das instituições, locais de publicação, quantidades e datas que compõem o corpus são:

Quadro 1. Reportagens em junho – inquéritos e 'vidas negras importam'

Veículos jornalísticos	Título da publicação	Local da publicação
Correio do Povo	Manifestação contra o racismo marca a tarde de domingo em Porto Alegre.	Porto Alegre
Cultura FM	Polícia Civil conclui inquérito sobre motorista morto em barreira em Marau.	Capão Bonito
Diário de Santa Maria	PM é indiciado pela Brigada Militar pela morte de engenheiro em Marau.	Santa Maria
G1	Brigada Militar indicia policial por morte de engenheiro durante abordagem em Marau.	Marau
G1	Polícia Civil conclui que PM agiu em 'legítima defesa imaginária' ao matar engenheiro durante abordagem em Marau.	Marau
O Nacional	MARAU: PM que atirou em engenheiro não é indiciado em inquérito da PC.	Passo Fundo
Vila Maria FM	Brigada Militar indicia soldado que matou engenheiro em abordagem em Marau.	Vila Maria

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 2. Live e entrevista de ativistas e familiares em junho

Página do Facebook	Título da publicação	Local da publicação
Justiça para Gustavo Amaral	Live sem título.	Santa Maria
PET Engenharia Elétrica UFSM	Entrevista.	Santa Maria

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 3. Fotografia de itinerário da carreata em setembro

Página no Facebook	Título da publicação	Local da publicação
Catálogo Afro-gaúcho de Profissionais Graduados	Fotografia.	Porto Alegre

Fonte: elaborada pelo autor, 2026.

Quadro 4. Notícias em setembro – Arquivamento e carreata

Veículos jornalísticos	Título da publicação	Local da publicação
GauchaZH	Justiça manda arquivar investigação contra policial que matou engenheiro ao confundir celular com arma no RS.	Marau
GauchaZH	Familiares e ativistas antirracistas protestam contra conclusões do MP em duas ações policiais com morte.	Porto Alegre

Fonte: elaborada pelo autor, 2026.

Quadro 5. Reportagem BBC News Brasil e replicações em outubro – BLM

Veículos jornalísticos	Título da publicação	Local da publicação
BBC News Brasil	Morte de engenheiro negro por policial no RS gera indignação e movimentos Black Lives Matter locais.	Londres
Portal R7	Idem	On-line
Estado de Minas	Idem	On-line
Global News	Idem	On-line
Época	Idem	On-line
Infoeconômico	Idem	On-line
G1	Idem	On-line
Bol	Idem	On-line
Revista Fórum	Justiça do RS arquiva caso de assassinato de engenheiro negro por policial e provoca repúdio.	On-line

Fonte: elaborada pelo autor, 2026.

Quadro 6. Comentários em recepção-produtiva no Facebook à reportagem da BBC News Brasil

Número de reações	Número de comentários	Número de compartilhamentos	Data
6.557	679	937	11 out. 2020
632	28	52	11 out. 2020
1.138	321	178	15 out. 2020

Fonte: elaborada pelo autor, 2026.

3. O CASO MIDIATIZADO: TORNAR-SE NEGRO EM ACIONAMENTOS E NARRATIVAS

Aqui, cabe uma breve contextualização do caso social, abreviações dos fluxos e disputas narrativas no midiático. No dia 19 de abril de 2020, o engenheiro eletricista gaúcho Gustavo dos Santos Amaral, de 28 anos, dirigia um carro a serviço, na companhia de três colegas, rumo ao município de Marau, no noroeste do Rio Grande do Sul. Amaral parou na estrada, em uma barreira da Brigada Militar montada para interceptar uma caminhonete roubada. Em seguida, os suspeitos romperam a barreira e bateram no carro de Amaral. O

engenheiro e os colegas saíram do carro em busca de um local seguro para se proteger. Todos eles estavam com uniformes da empresa, que incluíam calças refletoras. Nesse momento, um policial militar disparou três tiros contra Amaral e o matou. O agente de polícia alegou ter confundido Amaral com um dos suspeitos da caminhonete e disse que achou que o engenheiro estava armado e correndo em direção a inocentes. Ele, único homem negro da equipe, segurava um telefone celular.

Dois inquéritos foram abertos para apurar a responsabilidade do policial militar na morte de Gustavo Amaral. Um aberto pela Polícia Militar e outro pela Polícia Civil. Em 19 de junho, a Corregedoria-Geral da Brigada Militar decidiu indiciar o policial militar que atirou contra Amaral. Três dias depois, a Polícia Civil de Marau concluiu que o policial agiu em *legítima defesa putativa*, também conhecida como *legítima defesa imaginária*, o que justificaria a ação do policial. Em 9 de setembro, a juíza Margot Cristina Agostini, da 1ª Vara Judicial de Marau, acolheu o pedido do Ministério Público estadual para arquivar o inquérito. As duas datas constituem a linha de corte dos períodos de observação do caso midiatizado.

3.1. O ancestral e o midiático nas narrativas dos circuitos

O caso Gustavo Amaral, ocorrido em 2020 no Rio Grande do Sul, mobilizou diferentes atores sociais e coletivos antirracistas em práticas comunicacionais que revelam articulações entre ancestralidade, midiatização e resistência. Em uma transmissão ao vivo realizada em 28 de junho de 2020, o irmão de Gustavo, o administrador da página *Justiça para Gustavo Amaral* e o ativista AfroGuga discutiram a persistência do racismo e suas manifestações contemporâneas. A transmissão foi utilizada como espaço de organização de estratégias e dispositivo de articulação entre circuitos afro-referenciados e demais redes interacionais. Nas falas e comentários, emergem diferentes temporalidades e memórias, compondo um mosaico narrativo em que o passado escravocrata e o presente de violência racial se entrelaçam:

> Administrador da página: sobre essas situações e desde então parece que, desde que aconteceu com o Gustavo, naquele 19 de abril parece que tem acontecido diariamente situações e elas estão cada vez mais expostas e claro que o estopim de tudo foi George Floyd, mas se pegarmos no Brasil em 2005 -eu ainda lembro-, em 2015, 80% dos homicídios, se eu não estou enganado foram de negros, então veja como é um índice preocupante, e a gente acaba, até chegar esse problema na gente, a gente não acaba dando importância. (Justiça para Gustavo Amaral, 2020)[2]

As interações entre os participantes revelam dois limiares complementares na recorrência das mortes de pessoas negras. O primeiro refere-se ao impacto

2 Disponível em: https://www.facebook.com/Gustavojustica/ (Acesso em 16 mai. 2020).

simbólico da morte de Gustavo Amaral, que desencadeia uma consciência coletiva sobre as estruturas institucionais do racismo e motiva a emergência de contranarrativas no espaço público. O segundo evidencia o caráter contínuo e global da violência racial, perceptível na repetição de casos semelhantes em diferentes contextos geográficos.

Essa leitura sugere uma conexão diaspórica de sofrimento e de resistência, em que o caso norte-americano de George Floyd atua como espelho e catalisador das reações brasileiras. Contudo, sobre esse espelhamento recai um véu simbólico: a negação social da centralidade do racismo e a dificuldade de reconhecer tanto o papel histórico dos movimentos negros quanto o processo individual e coletivo de afirmação da negritude:

> Administrador da página: E a gente viu muito pessoal falar, ah, mas essa onda antirracista agora, vocês aqui no Brasil querem falar, só por causa que nos Estados Unidos o Floyd foi asfixiado. E isso também acaba sendo até uma hipocrisia, uma cretinice, eu diria, das pessoas, da sociedade. Porque historicamente a gente vem gritando, esses movimentos negros sempre juntos são uma realidade. E claro que existem pessoas que às vezes também não se entendam negras, que também estão meio desentendidas nesse processo, de como que se divide o racismo no Brasil. (Justiça para Gustavo Amaral, 2020)

Embora o processo ontológico de "tornar-se negro" seja de natureza individual, no caso de Gustavo Amaral esse percurso adquire dimensão coletiva nas redes sociodigitais e nos espaços urbanos. Conforme Souza (2021)[3], a negritude se constitui como uma travessia identitária: inicialmente imposta pelo racismo, que fragmenta e tenta apagar o fenótipo e as expressões culturais afro-brasileiras, ela é posteriormente ressignificada como afirmação política e emancipatória. Nos circuitos afro-referenciados, constrói-se uma memória comum sustentada por registros e rememorações das violências reiteradas, tanto no cotidiano quanto nas mídias, articulando passado e presente em uma continuidade diaspórica.

Conforme Sodré (2015), a reprodução do racismo nos meios de comunicação brasileiros opera pela falta de profissionais negros nos bastidores e nas telas. Nas representações midiáticas, o jornalismo só noticia conflitos raciais considerados como episódicos. No jornalismo e no entretenimento, a cultura afro-brasileira é invisibilizada, da mesma maneira que os corpos negros são alvos de estigma. Na publicidade, há escassez de profissionais negros nas direções e na protagonização de peças audiovisuais.

O trinômio jornalismo, entretenimento e publicidade como espaços de reprodução do racismo se faz presente no Brasil e em outros países da América

3 Criado pela psicanalista negra Neuza Santos Souza, 'tornar-se negro' é um conceito que corresponde ao processo de tomada de consciência do indivíduo sobre a própria negritude. No presente artigo, o conceito é apropriado como metáfora para refletir sobre como os coletivos e circuitos afro-referenciados destacam nas mídias que Amaral era um homem negro, prática necessária diante do silenciamento do jornalismo quanto à cor das vítimas.

Latina. Soma-se aos espaços midiáticos no âmbito da cultura, o racismo derivado da indiferença das instituições sociais estatais para com as populações afro-diaspóricas nas Américas. (Sodré, 2015; Campos, 2024; Reinaldo & Alves de Souza, 2021; Varela Huerta, 2023; González Batista, 2020).

O reconhecimento da cor e da negritude emerge como resposta à tentativa de apagamento midiático e social, ao mesmo tempo que reitera a força da cultura política negra em permanente movimento. Esse trânsito desloca o sujeito negro da 'zona do não-ser' —espaço de desumanização e exclusão (Fanon, 2022)— para uma 'zona do ser', visível no espaço público e nas mediações midiáticas. As críticas à negação social do racismo e ao esvaziamento político das pautas do movimento negro indicam um acúmulo de aprendizagens construído coletivamente nas experiências de resistência. Em um primeiro momento, a ausência de uma nomeação explícita da raça nas narrativas de familiares pode ser interpretada como uma estratégia defensiva frente às previsíveis negações institucionais. Contudo, à medida que o caso se desdobra, o reconhecimento público de Gustavo Amaral como homem negro redefine as causas, os efeitos e os sentidos do acontecimento. Assim, a racialização coletiva de sua imagem transforma o caso em um campo de disputa simbólica e epistêmica, no qual a visibilidade se converte em prática política e as narrativas se afirmam como espaços de elaboração social da negritude.

Em outro vídeo, posterior e com críticas à Brigada Militar[4] e à lentidão das decisões, em entrevista concedida para o curso de Engenharia da Universidade Federal de Santa Maria, o irmão de Gustavo Amaral articulou referências do passado com casos de racismo atuais e com expectativas pessimistas de futuro:

> O abuso de autoridade policial só vai acabar se houver educação da sociedade logo na infância; que, se parar para pensar, é uma herança de 1888, que faz só 130 anos que acabou a escravidão e que o negro era o suspeito, o bandido, tratado como a escória da sociedade. Eu acho que essa herança foi passando de pai para filho mesmo que esteja comprovado que somos todos iguais[5].

A intuição de que há um racismo em *continuum*, enquanto imaginários sociais racializados, que são transmitidos hereditariamente como ideologias, nas mídias e fora delas, condiz com interpretações do caso pelos atores sociais que gradativamente, a cada manifestação nas redes sociodigitais e meios do jornalismo, expressam repertórios comuns aos movimentos negros, configurando aprendizagens cujas apropriações são aceleradas.

Diante do arquivamento do inquérito e contra a possibilidade de abreviação da circulação midiática do caso social, diferentes coletivos, incluindo familiares, juristas, ativistas e acadêmicos, reuniram-se em espaços midiatizados para organização dos acionamentos seguintes. Em *lives* publicadas na

4 O Rio Grande do Sul é o único estado brasileiro que adota o nome Brigada para nomear a Polícia Militar.

5 Disponível em: https://cutt.ly/cWEjZTe (Acesso em: 9 abr. 2021).

página *Justiça para Gustavo* e em interações em grupos de WhatsApp, circuitos afro-referenciados interpretam os desdobramentos do caso social, articulam narrativas e planejam táticas de advocacy político e midiático através da organização da *Carreata Justiça para Gustavo Amaral e Antirracismo*, em 20 de setembro, feriado do Dia do Gaúcho.

A ampliação do acesso às possibilidades de enunciação nas redes sociais possibilita a autorrepresentação de pessoas negras em resposta às invisibilidades e sub-representações nas mídias (Varella Huerta, 2023). A organização dos circuitos afro-referenciados nas redes para a ocupação das ruas em protestos antirracistas vai ao encontro do que Campos (2024) classifica como política de presença, ou seja, a reunião em território físico central para as culturas negras. Da mesma forma, o ativismo político no espaço público para a obtenção de visibilidade nos veículos jornalísticos e nas arenas deliberativas dos poderes públicos são recorrentes em outros protestos antirracistas nas Américas, a exemplo de Cuba e México (González Batista, 2020; Varela Huerta, 2023).

Conforme publicação na página *Catálogo Afro-Gaúcho de Profissionais Graduados* (2020, Figura 1), o trajeto da carreata incluía pontos emblemáticos de Porto Alegre, passando pela redação da empresa jornalística GauchaZH, pelo Palácio da Polícia Civil, pela Assembleia Legislativa, pelo Palácio da Justiça e pelo Gasômetro. Participantes de diferentes coletivos midiáticos, oriundos do interior, da capital e da região metropolitana, percorreram longas distâncias até se reunirem no Largo Zumbi dos Palmares, local de homenagem a líder quilombola e símbolo da resistência negra. Esse encontro, situado em uma encruzilhada entre quatro vias da cidade, configura dinâmicas características de circuitos afro-referenciados, nos quais diferenças individuais convergem em propósitos coletivos. Nesses espaços simultaneamente simbólicos e territoriais, das redes sociodigitais às ruas, reatualizam-se práticas históricas das esferas públicas negras forjadas na modernidade colonial, que são presentificadas analogamente nos encontros e interações dos circuitos afro-referenciados.

A evocação dessas memórias coletivas se entrelaça com estratégias de acionamento célere de instituições e meios de comunicação, com o objetivo de manter o caso em circulação no espaço público. O percurso da carreata, por si só, configura um gesto comunicacional e político, pois o itinerário escolhido —diante de prédios que representam o poder jurídico, policial e midiático— materializa a tentativa de convocar respostas e reposicionar o acontecimento no debate social.

Figura 1. Itinerário da Carreata



Fonte: Catálogo Afro RS, 2020.

Alguns dos veículos da carreata carregavam cartazes fixados em portas e janelas. A maioria das frases dos cartazes são escritas na segunda pessoa [tu], endereçadas a instituições e pessoas que reproduzem o racismo, e na primeira do plural [nós] em vocativos para se somar à luta antirracista, conforme as figuras 2, 3 e 4[6].

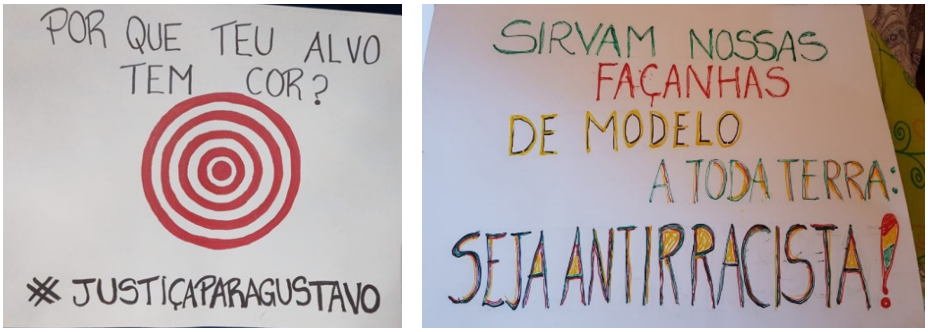
Figura 2. Cartazes com enunciações A, B e C



Fonte: Catálogo Afro RS, 2020.

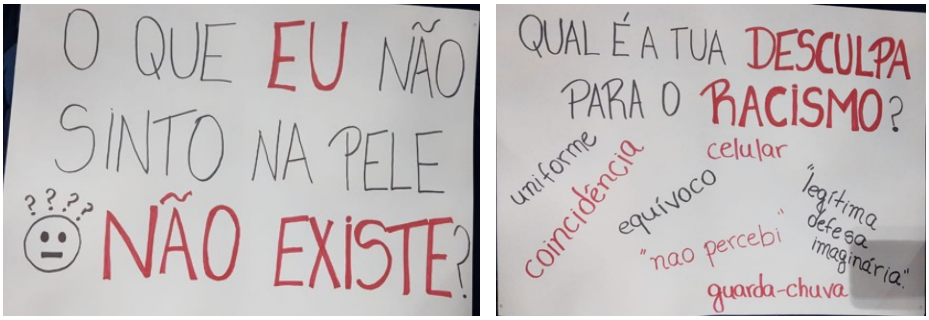
6 Confeccionados por integrantes do coletivo Catálogo Afro-Gaúcho de Profissionais Graduados, os cartazes foram fotografados pelo autor deste artigo durante protesto.

Figura 3. Cartazes com enunciações D e E



Fonte: Catálogo Afro RS, 2020.

Figura 4. Enunciações E e F



Fonte: Catálogo Afro RS, 2020.

Os cartazes são dispositivos comunicacionais, sociais e técnicos (Neckel, 2024; Ferreira, 2018). São dispositivos *comunicacionais* devido às interações que buscam a mobilização de interlocutores que reconheçam o antirracismo ou que buscam a agonística com quem reproduz o racismo, e *sociais*, por evocarem sentidos recorrentes nas interpretações sociais sobre o racismo e *técnicos*, por expressarem diferentes enunciações, vozes nos enunciados, cores, fontes e tamanhos de letras, os cartazes se estabelecem também como cronotopos, a exemplo das *hashtags*, referências a fluxos norte-sul, ao racismo e a seus autores.

O uso de *hashtags*, além de remeterem às interpenetrações entre lógicas das redes sociais digitais e das interações em copresença, referenciam também o movimento *Black Lives Matter* e as palavras de ordem 'vidas negras importam'. Criam, assim, interpenetrações de repertórios políticos-culturais em uma direção do norte ao sul do mundo, do transnacional ao local, análogas ao intercâmbio de referências entre as populações negras em diáspora. As perguntas retóricas e o apelo a uma solidariedade à luta antirracista a ser adotada por pessoas não negras (Enunciações D, E, F e G) denunciam a denegação e a

reprodução do racismo, indicando correspondências entre elementos do caso Gustavo Amaral —a roupa da vítima, o celular, as tentativas de justificativas de agentes do campo jurídico-policial— e de casos pregressos de racismo midiatizado, a exemplo da menção ao guarda-chuva, que remete a outros casos de racismo mediatizados. Tem-se, portanto, presentificações efetivadas na evocação de recordações complementares de longa duração —em menções ao passado de violência escravagista— e recente periodização —*Black Lives Matter* e casos de racismo com ampla repercussão.

As narrativas de recordação do racismo e da morte em encontros dos atores sociais em circuitos afro-referenciados na cidade e nas mídias evocam temporalidades e espaços complexos. As temporalidades são complexas pela evocação dessa tradição presentificada nas tentativas de ampliar a visibilidade do caso Gustavo Amaral e de acontecimentos anteriores. Já os espaços são complexos por serem simultaneamente territoriais e simbólicos, tanto pela presença nas mídias quanto pelas referencialidades diaspóricas.

Os protestos no caso Amaral tentam tensionar os acionamentos dos meios de comunicação com o silêncio quanto à cor da vítima e à classificação do racismo nas mediações jornalísticas e nas práticas do campo jurídico-policial (ver Quadro 1 da seção 2). Mesmo que no âmbito das mediações jornalísticas nesta etapa do caso, o conjunto de indícios remete a temporalidades próprias da midiatização, pela estabilização de signos de resistência do passado, presente e futuro evocados em diferentes arenas discursivas.

3.2. O tornar-se negro enquanto disputa no espaço público ampliado pela midiatização

Na data da carreata, o portal *Gauchazh* publicou nova matéria sobre a mobilização, contextualizando o caso, reproduzindo palavras de ordem escritas nos cartazes, exibindo imagens do protesto e incluindo falas de familiares, além de nota oficial do Ministério Público. No mês seguinte, em 11 de outubro de 2020, o caso voltou a repercutir na imprensa nacional por meio de reportagem da BBC News Brasil, intitulada "Morte de engenheiro negro por policial no RS gera indignação e movimento Black Lives Matter local" (BBC, 2020). Esse texto marcou o primeiro registro jornalístico que explicitou a racialidade de Gustavo Amaral como elemento central para compreender as motivações da violência e a denúncia de racismo, estabelecendo também uma ponte simbólica entre o movimento negro estadunidense e as mobilizações brasileiras.

Na perspectiva temporal, o destaque da reportagem não recai sobre o episódio em si, como é recorrente no presentismo dos veículos jornalísticos, mas sobre as ações subsequentes de familiares e movimentos sociais que buscaram aprofundar a investigação e disputar sentidos com instituições jurídicas e policiais. O envolvimento da imprensa nacional visou prolongar a circulação do caso e contrapor-se à tendência de apagamento midiático que frequentemente

marca episódios de violência racial. Ao associar a identidade profissional e racial da vítima, "engenheiro negro", a práticas estruturais de racismo e resistência, e ao reproduzir contranarrativas visuais e discursivas dos movimentos negros, a cobertura jornalística contribuiu para ampliar o alcance e a permanência pública das reivindicações promovidas pelos circuitos afro-referenciados.

Figura 5. Fenótipo e antirracismo



Fonte: Arquivo pessoal de familiares APUD BBC Brasil News, 2020.

Figura 6. Fenótipo e antirracismo



Fonte: Arquivo pessoal de familiares APUD BBC Brasil News, 2020.

Alguns dos indícios de reconhecimento das contranarrativas dos circuitos afro-referenciados na escrita do repórter e em declarações das fontes na reportagem são[7]:

7 Foram mantidas as grafias originais de todos os comentários nas redes sociodigitais.

1) Os quatro trabalhadores vestiam uniformes da empresa, que incluiam calças refletoras e distintivos claramente indicados, Gustavo Amaral, o chefe, era o único negro da equipe.
2) O caso de George Floyd, morto sufocado por um policial quando já estava rendido no chão, era muito diferente de Gustavo. Mas para familiares e amigos do gaúcho, o contraste da resposta pública para os episódios era enorme. Nos Estados Unidos e no resto do mundo, havia indignação. No Rio Grande do Sul, silêncio e lentidão na apuração dos fatos.
3) A decisão foi muito contestada pelo movimento negro. "Nós temos certeza que o delegado e o promotor agiram com racismo institucional", disse Gilvandro Antunes, um dos integrantes do Vidas Negras Importam no Rio Grande do Sul (BBC News Brasil, 2020).
4) Esse é um caso de racismo institucional. Isso não quer dizer que o delegado e o promotor "são pessoas racistas", diz Antunes. "Mas o inquérito policial e o Ministério Público aceitam de forma taxativa a defesa do policial, que tinha dez anos de carreira e cometeu um erro injustificável. O promotor sequer se deu direito à dúvida. Sequer o PM vai à julgamento. Ele foi absolvido" (BBC News Brasil, 2020).

Após os acionamentos promovidos por coletivos e circuitos afro-referenciados, a reportagem passou a reconhecer as práticas de visibilização da cor de Gustavo Amaral e as narrativas que articulam atores, espaços, tempos, causas e efeitos de um acontecimento atravessado pelo racismo. A presentificação do caso se concretiza na mediação jornalística que conecta diferentes vozes e estabelece paralelos com outros eventos de alcance global —como o caso Floyd, nos Estados Unidos—, ampliando o horizonte de universalidade antes limitado pelas coberturas locais do Rio Grande do Sul. Essa abordagem rompe com a lógica fragmentada que trata cada episódio de violência racial como fato isolado, situando-o em um campo de significação mais amplo.

Ao incluir falas e interpretações dos movimentos negros, a reportagem incorpora repertórios oriundos dos circuitos afro-referenciados, como a noção de "racismo institucional". Nesse sentido, o presentismo —tendência temporal que reforça o esquecimento e o silenciamento dos casos de racismo nos territórios e nos meios jornalísticos— é tensionado pelas ações dos circuitos e pela própria narrativa jornalística. O cruzamento entre mediações, tempos e espaços conforma, assim, um cronotopo midiatizado no qual se produzem novas possibilidades narrativas, que reconhecem as reivindicações dos circuitos afro-referenciados sem necessidade de afirmar explicitamente o racismo como causa determinante.

Por se tratar de um veículo de referência, a reportagem da BBC News Brasil foi reproduzida integralmente por portais da grande imprensa e da mídia alternativa —como Bol, Época, Estado de Minas, G1, Infoeconômico, Portal R7 e

Revista Fórum— ampliando a difusão do caso e das narrativas para diferentes escalas do jornalismo brasileiro: local, regional e nacional. Um segundo momento de midiatização dos cronotopos manifesta-se na recepção-produtiva do público, especialmente nos comentários às postagens da reportagem nas redes sociais da BBC News Brasil.

As postagens, acompanhadas da imagem de Gustavo Amaral segurando seu diploma, enfatizavam o contraste entre sua trajetória e a brutalidade do assassinato, destacando: "Gustavo Amaral foi confundido com um suspeito de um crime e acabou morto em abril deste ano no interior gaúcho. Ninguém foi punido pelo assassinato e o caso foi arquivado", seguido pelo título da matéria: "Morte de engenheiro negro por policial no RS gera indignação e movimento Black Lives Matter local" (BBC News Brasil, 2020). Essas interações, inscritas em temporalidades distintas, prolongam a presentificação do acontecimento e reinscrevem a disputa narrativa em novos fluxos midiatizados.

Figura 7. BBC News Brasil



Fonte: BBC News Brasil, 2020.

De modo geral, as enunciações e interações nos comentários à reportagem evidenciam que os comentadores não integram os circuitos afro-referenciados, uma vez que não se reconhecem como pertencentes a coletivos antirracistas, não estabelecem vínculos duradouros nos espaços de comentário e raramente evocam experiências prévias relacionadas ao racismo ou ao antirracismo. Apesar disso, o campo discursivo formado na seção de comentários pode ser interpretado como um lócus simbólico de reflexão social sobre o racismo, em que emergem representações compartilhadas acerca da vítima, das instituições policiais, dos movimentos negros, do papel da imprensa e da própria identidade dos interlocutores.

As interações configuram um espaço de presentificação do debate racial, onde se confrontam visões de mundo divergentes. Nas agonísticas discursivas dos comentários, observa-se tanto o reconhecimento do racismo enquanto fenômeno estrutural, histórico e persistente, quanto sua negação explícita. Entre os que o reconhecem, as interpretações vinculam o presente a memórias de longa duração, associando o caso Gustavo Amaral a uma sequência de episódios

recentes e passados de violência racial tornados midiáticos e, em alguns casos, midiatizados. Essas conexões estabelecem um cronotopo midiatizado em que diferentes temporalidades se entrecruzam: o passado escravagista, o presente de luta e o futuro em disputa.

5) Os negros que foram escravisados por quase 400 anos e que ainda nao tiveram nenhuna outra contrapartida por parte do estado estam indignado ha muito tempo com esta carnificina do estado.
6) A influencia da cultura européia, causa todo tipo de loucura e preconceito, os europeus vieram e implantaram a força sua cultura e seus dogmas, na América, o cristianismo europeu não segue e nem propaga nada do ideal de Jesus, a verdadeira cultura do Brasil é missigenada, e a herança européia que seja cultuada por seus admiradores, mas não imposta a quem não admira, no caso a maioria dos brasileiros não tem nada a ver com Europa e EUA.

As manifestações de negação do racismo nas postagens relacionam-se tanto às interpretações sobre a morte de Gustavo Amaral quanto à compreensão mais ampla do fenômeno racial no Brasil e no mundo. As narrativas variam entre aquelas que negam a identidade negra da vítima, as que reproduzem as versões oficiais de agentes policiais e jurídicos e as que simplesmente rejeitam a existência de racismo no país. Esses comentários são, em geral, os que mais geram *respostas* e cadeias de interação, com menções diretas aos interlocutores e citações parciais de suas falas, o que configura pares conversacionais breves.

Entre as reações à morte de Gustavo Amaral, o pesar frequentemente se combina à responsabilização da própria vítima. Essa culpabilização se expressa na sugestão de que sua morte teria resultado de comportamento imprudente, associando-a a estereótipos raciais de suspeição e periculosidade. Um dos comentários exemplifica esse discurso: "Muito triste essa morte. Mas você está dentro do carro, em um engarrafamento, ouve tiros e sai correndo?" (BBC News Brasil, 2020). Essa forma de criminalização simbólica reforça representações históricas que vinculam pessoas negras à violência, à irracionalidade e ao crime.

Ao naturalizar percepções racistas, as narrativas dos comentadores reatualizam imaginários que desumanizam o corpo negro e justificam a letalidade dirigida a ele, opondo o que seria aceitável para o negro e o que justificaria seu assassinato, desumanizando-o:

> Concordava com tudo até dizer que o George Floyd era inocente... comparar um trabalhador honesto morto por engano com um bandido drogado que estava passando dinheiro falso, resistiu à prisão e morreu nas mão da polícia é um desrespeito enorme ao rapaz. (BBC News Brasil, 2020)

Contudo, o assunto que gerou mais respostas e agonísticas entre os interagentes foi a cor e fenótipo de Gustavo Amaral, necessidade primeira para

a percepção do racismo como condição social do acontecimento, a exemplo do comentário que provocou 80 respostas, o mais respondido dentre as três publicações: "Todas as vidas importam, não q seja mérito, mas ele parece ser negro por consideração" (BBC News Brasil, 2020).

Esse movimento discursivo se insere em um contexto específico de presentificação da imagem negra nos meios de comunicação, mediado por circuitos afro-referenciados e pela ampliação da visibilidade obtida após o caso George Floyd. Diante desse espelho midiático, atores sociais em recepção não apenas negam o outro, mas também fabulam sobre si, reafirmando um imaginário social que atualiza, de modo presentista, o mito da democracia racial. Essa fabulação se manifesta na crença de que a miscigenação brasileira teria anulado as diferenças raciais, sob máxima de que ou todos são negros, ou ninguém o é. A ascensão do caso, impulsionada pelos acionamentos de atores dos circuitos afro-referenciados e pela legitimação das narrativas de familiares e ativistas pela BBC News Brasil, desdobrou-se em múltiplas subtemáticas do racismo. Os interagentes passaram a perceber o jornalismo não apenas como mediador neutro, mas como agente ativo na presentificação do debate racial. A solidariedade inicial observada em outros contextos de recepção deu lugar a questionamentos sobre a identidade racial da vítima e sobre a própria existência do racismo. Esse processo intensificou a circulação de sentidos e acelerou as escalas de tempo e de espaço: o tempo, pela evocação de memórias históricas e do presentismo que mantêm o racismo; e o espaço, pela expansão das narrativas para além das fronteiras regionais.

O aumento exponencial de diferentes interpretações sobre o racismo e em torno de quem é e do que significa ser negro se materializou também em acelerações das escalas de tempo e de espaço. As escalas de tempo se manifestam em imaginários sociais de longa periodização evocados em recordações e presenticismos, e na ampli**ação de saberes relacionados ao** aprendizado do racismo e a aprendizagens de termos-conceitos relacionados ao antirracismo para além dos circuitos interacionais de ativismo.

4. TEMPO-ESPAÇO COMPLEXO COMO CONDIÇÃO DE RESISTÊNCIA

A partir das duas dimensões do cronotopo midiatizado —os meios como dispositivos sociotécnicos-comunicacionais e as articulações de tempo e espaço que neles se materializam—, o caso Gustavo Amaral evidencia singularidades e recorrências. Com relação às temporalidades evocadas, os indícios em acionamentos e narrativas no espaço público remontam às categorias cronotópicas de presentificação, presentismo e presenticismo e da midiatização em diferentes momentos.

Em termos de presentificações em resistência, durante o período de espera por decisões do campo jurídico-policial, ativistas, familiares e amigos

reinterpretaram casos de racismo e elaboraram repertórios de ação em meios de conversação, como em lives no Facebook. Nesse sentido, os circuitos afro-referenciados se organizaram nas redes para encontros nas ruas. No caso Amaral, a carreata realizada em sua memória reuniu os atores em território negro e, ao evocar lembranças de vítimas de racismo e referências dos movimentos negros estadunidenses, presentificou elementos afro-diaspóricos em práticas de advocacy em múltiplos espaços.

Nessas presentificações, seja em momentos mais abrangentes, seja em momentos de recuos táticos à espera de decisões do campo jurídico-policial no caso Amaral, as narrativas dos circuitos afro-referenciados podem ser sintetizadas em: contranarrativas às mediações jornalísticas e em circuitos interacionais outros nos quais salientam que Gustavo Amaral era trabalhador, estudioso e amigável, ante as recorrentes culpabilizações contra as vítimas de racismo; e em reivindicações e críticas sociais a instituições do campo jurídico-policial, bem como às práticas e enunciações de atores sociais institucionalizados.

Por breves momentos e em resposta a narrativas de coletivos e circuitos afro-referenciados, o presentismo predominante nas mediações jornalísticas dá lugar a reconstituições do caso Gustavo Amaral. Ao contrário dos primeiros meses de cobertura jornalística, quando os jornalistas apenas seguiam o fluxo das investigações policiais, os jornalistas passam a afirmar que Amaral é um homem negro e mencionam o contexto do racismo, entrecruzando temporalidades do presentismo a presentificações que dão conta do *continuum* socio-histórico da discriminação. Mesmo que momentânea, essa alteração decorre de respostas às ascendências dos acessos, acionamentos e narrativas de coletivos e circuitos afro-referenciados nas arenas discursivas em temporalidades múltiplas. Estas, principalmente, em interseções de recordações do sofrimento e de repertórios comunicacionais de advocacy e midiático, atreladas à celeridade de denúncias em superação a silenciamentos.

As mediações do jornalismo e as resistências nas redes passam a se retroalimentar pois, do mesmo modo que os acionamentos e narrativas dos circuitos ascendem ao jornalismo, também ocorrem fluxos descendentes nos processos de circulação observados, dos meios do jornalismo do Rio Grande do Sul e da BBC para os circuitos afro-referenciados. Com isso, amplia-se no espaço público a participação de atores e circuitos e a visibilidade dos casos em lutas pela estabilização de sentidos nas narrativas contra o racismo atrelados a outros imaginários sociais possíveis para que pessoas negras deixem de ser sub-humanizadas ou desumanizadas. Assim, com a expectativa de, no futuro, passarem a acessar e a integrar socialmente uma zona do ser, em termos fanonianos.

Materializado na morte violenta de pessoas negras e na denegação do racismo, o presentismo no caso Amaral ocorre nas práticas do campo jurídico-policial reconhecidas nos circuitos interacionais e em mitos que cristalizam estereótipos raciais históricos. Nesse sentido, a menção à negritude de Gustavo

Amaral, ao movimento *Black Lives Matter* estadunidense e ao análogo Vidas Negras Importam no Brasil ensejaram disputas agonísticas entre atores sociais polarizados. Parte deles não reconhecem a cor da vítima, tampouco o racismo enquanto fenômeno social e, consequentemente, a legitimidade das manifestações dos movimentos sociais negros. Essas denegações se situam nas narrativas que tentam colocar sob suspeita o lugar de vítima do racismo e em indícios de evocação do mito da democracia racial no Brasil.

5. CONCLUSÕES

Os circuitos afro-referenciados articulam múltiplas temporalidades e espacialidades materializadas em meios-dispositivos através da relação entre a dimensão social das lutas pelo direito à diferença, o midiático dos meios jornalísticos e suas mediações, e a midiatização. A aceleração do tempo e a ampliação do espaço na ambiência midiatizada permite a adaptação das culturas afro-diaspóricas na esfera pública negra e nos circuitos interacionais afro-referenciados em repertórios político-culturais estratégicos, intensificando, a reboque, as aprendizagens sócio-técnicas e os confrontos sociais, em opressões e contra-hegemonias que presentificam o passado mantido e atualizado no contemporâneo e em disputas quanto a expectativas de futuro dos grupos sociais. Tem-se, então, uma ampliação dos acessos aos meios, encontros e vozes no espaço público.

Esse contexto torna mais acessíveis aos circuitos afro-referenciados conhecimentos seculares de práticas sociais midiatizadas dos coletivos negros, midiatizadas perante o racismo de longa periodização, sendo as referências afro-diaspóricas e eurocêntricas da modernidade, respectivamente, condições socio-históricas das práticas dos circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo diante do tema social. Com isso, o espaço-tempo ampliado na midiatização se entrecruza no encontro entre diferentes temporalidades presentificadas no contemporâneo e materializadas em espaços territoriais —locais, regionais, nacionais, transnacionais etc.— e simbólicos —de redes socio-históricas e dos meios-dispositivos— articulados por circuitos afro-referenciados e por meios do jornalismo em acionamentos e disputas narrativas sobre o negro e o racismo.

Nas temporalidades de presentificação, especificamente, há duas importantes dimensões articuladas pelos cronotopos que são midiatizados: no contexto afro-diaspórico, um tempo que é evocado pelos atores sociais nos circuitos afro-referenciados; e percepções desses atores acerca de continuidades do racismo e narrativas e práticas de advocacy —acionamentos—, em e perante meios-dispositivos, que permanecem e se atualizam em cronotopos. Uma vez estabilizados socialmente, os acionamentos e narrativas permanecem e se atualizam, permitindo novos acessos, usos e apropriações derivados de acúmulos de aprendizado culturais e políticos partilhados de maneira mais

célere e com maior alcance nos fluxos da circulação midiática. Inversamente, posto que os cronotopos são midiatizados também em situações de opressão, há reproduções e atualizações do racismo via silenciamentos e imagens cristalizadas sobre o negro e o racismo nos meios do jornalismo, enquanto lócus de relações sociais.

Nos casos sociais, midiáticos e midiatizados contemporâneos, as brechas identificadas em acionamentos socio-técnicos-simbólicos de atores nos circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo abrangem momentos de ampliação da visibilidade de denúncias e solidariedade diante das mortes de pessoas negras, de tematização do racismo e de percepções e interpretações afro-referenciadas por jornalistas, especialistas e intelectuais negros em circuitos interacionais diversos e em ascendência aos meios jornalísticos. As temporalidades do cronotopo midiatizado estão diretamente relacionadas à midiatização das culturas negras afro-diaspóricas.

Assim, a presentificação de referências culturais em acionamentos e narrativas de recordação e interpretação das opressões raciais persistem ao longo dos últimos séculos e são atualizadas na esfera pública negra alternativa e no espaço público ampliado pelos meios de comunicação no contemporâneo. Desse modo, as temporalidades apresentadas para o cronotopo midiatizado podem servir como orientações teórico-metodológicas para novas pesquisas destinadas a pensar as resistências ao racismo no âmbito da comunicação e da midiatização. Para além disso, podem inspirar estudos que demandem novas articulações teóricas em casos que não se relacionam ao racismo.

REFERÊNCIAS

Bakhtin, M. (2010). *Estética da criação verbal*. WMF Martins Fontes.

Bakhtin, M. (2018). *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Editora 34.

Braga, J. L. (2006). *A sociedade enfrenta sua mídia: Dispositivos sociais de crítica midiática*. Paulus.

Braga, J. L. (2012). Circuitos versus campos sociais. Em *Mediação & midiatização* (pp. 31-52). EDUFBA.

Braga, J. L. (2017). Circuitos de comunicação. Em Braga, J.L., Rabelo, L., Machado, M., Zucolo, R., Benevides, P., Xavier, M.P., Calazans, R., Casali, C., Melo, P.R., Medeiros, A.L., Klein, E. & Pares, A.D. (Org.), *Matrizes interacionais: A comunicação constrói a sociedade* (pp. 43–64). EDUEPB. https://books.scielo.org/id/59g2d/pdf/braga-9788578795726-03.pdf

Braga, J. L. (2008). Comunicação, disciplina indiciária. *MATRIZes*, 1(2), 73–88. https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193

Campos, D. M.C. (2024). Circularidade e política de presença: produção e circulação de saberes e identidades nas redes. Em Guimarães Correa, L., Moreno Fernandes, P., Moura, M., Furtado, L. & Bernardes, M. (Org.), *Vozes negras em Comunicação II: intersecções, diálogos e caminhos* (pp. 339-352). Autêntica.

Fanon, F. (2022). *Os condenados da terra*. Zahar.

Ferreira, J. (2006). Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. *Líbero*, (17). https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Uma-abordagem-triádica-dos-dispositivos-midiáticos.pdf

Ferreira, J. (2018). Meios, dispositivos e médium: Genealogia e prospecções na perspectiva da midiatização. Em Ferreira, J., Rosa, A. P., Braga, J. L., Fausto Neto, A. & Gomes, P. G. (Org.), *Entre o que se diz e o que se pensa: Onde está a midiatização?* (pp. 283-298). FACOS-UFSM.

Gilroy, P. (2012). *O Atlântico negro: Modernidade e dupla consciência*. Editora Cândido Mendes - Centro de Estudos Afro-Asiáticos.

González Batista, L. (2020). ¡Hablan las afro! Activismo y gestión política impulsando el Decenio de los (as) afrodescendentes. *Geopauta*, *4*(3). https://doi.org/10.22481/rg.v4i3.7490

Hartog, F. (2013). *Regimes de historicidade: Presenteísmo e experiências do tempo*. Autêntica.

Neckel, Â. (2024). Cronotopos midiatizados nas lutas antirracistas: O espaço-tempo complexo nos acionamentos e disputas narrativas em torno do "ser negro". Tese de doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil. https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/13124/%c3%82ngelo%20Jorge%20de%20Souza%20Lima%20Neckel_PROTEGIDO.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Reinaldo, G. & Alves de Souza, L. (2021). O criador de conteúdo negro em combate ao racismo reproduzido pelo massa media. *Hachetetepé. Revista científica de Educación y Comunicación*, *22*(1), 1-13. https://doi.org/10.25267/Hachetetepe.2021.i22.1203

Sodré, M. (2015). *Claros e escuros: Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil*. Vozes.

Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Zahar.

Varela Huerta, I.A. (2023). Batalhas por representação: Racismos, gênero e antirracismos na mídia mexicana contemporânea. *LiminaR. Estudos Sociais e Humanísticos*, *21*(2), 1-17. https://doi.org/10.29043/liminar.v21i2.1010

Verón, E. (2014). Teoria da midiatização: Uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *MATRIZes*, *8*(1), 13-19.

* Contribuição dos autores: A conceituação e o desenvolvimento integral do artigo são obra do autor.
* Nota: O Comitê Acadêmico da revista aprovou a publicação do artigo.

* O conjunto de dados que apoia os resultados deste estudo não está disponível para uso público. Os dados da pesquisa serão disponibilizados aos revisores, se necessário.

Artigo publicado em acesso aberto sob a Licença Creative Commons - Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR

Ângelo Neckel. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Brasil). Coordenador dos cursos de Comunicação do Centro Universitário Leonardo Da Vinci (Brasil). Integrante do grupo de pesquisa EPISTECOM, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Brasil) e do grupo de pesquisa Muntu - Comunicação, políticas dos corpos e decolonialidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil). Estuda o trinômio Comunicação-midiatização-questão étnico-racial negra. Em 2024, ganhou o Prémio Muniz Sodré de melhor tese de doutorado.